

Literatura Infantil e a Temática Étnico-racial nas Aulas de Matemática

Children's Literature and Ethnic-racial theme in Mathematics Classes

Dalila dos Santos Gomes¹

Ana Carolina Faustino²

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar as representações de personagens negras presentes em livros de literatura infantil e sugerir tarefas que tornem possível trabalhar a literatura em consonância com a Matemática. Na produção de dados, foram analisados três livros de literatura infantil que fizeram parte do curso de extensão Literatura Infantil, Diversidade e Educação Matemática. São eles: "A surpresa de Handa", de Eileen Browne (2009); "A cor de Coraline", de Alexandre Rampazo (2017) e "Bia na África", de Ricardo Dreguer (2007). A análise teve, como critério, as formas com que as personagens negras eram representadas nas obras e as potencialidades dos livros para explorar conceitos matemáticos com um viés interdisciplinar. Os resultados deste estudo indicam que movimentos de afirmação da autoestima e de identidades negras são evidenciados e potencializados quando as personagens negras são representadas de maneira positiva nos livros infantis, sem estereótipos e, sim, em múltiplas formas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Personagens negras. Diversidade racial.

ABSTRACT

The objective of the article is to analyze the representations of black characters present in children's literature books and to suggest tasks that make it possible to work literature in line with Mathematics. In the production of data, three books of children's literature that were part of the extension course Children's Literature, Diversity and Mathematics Education were analyzed. They are: "Handa's Surprise" by Eileen Browne (2009); "A cor de Coraline" by Alexandre Rampazo (2017); and

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato. dalilagomes1910@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2544-3732>.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato carolia.faustino@ufms.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2059-9466>.



"Bia na África" by Ricardo Dreguer (2007). The analysis was based on the form(s) in which the black characters were represented in the works and the potential of the books to explore mathematical concepts with an interdisciplinary bias. The results of this study indicate that movements of affirmation of self-esteem and black identities are evidenced and potentiated when black characters are represented in a positive way in children's books, without stereotypes but in multiple ways.

KEYWORDS: Children's Literature. Black characters. Racial Diversity.

Introdução

A motivação para o desenvolvimento deste estudo é reflexo das vivências pessoais e acadêmicas da primeira autora. Essa, enquanto criança, experienciou o racismo no âmbito escolar, nos anos iniciais, por parte de seu professor, que fazia recorrentes distinções de etnias e comentários depreciativos, comentários estes que tinham, como uma das pautas, seu cabelo crespo: "Seu cabelo atrapalha os demais a visualizar a lousa", "Quem tem o cabelo ruim tem que acordar mais cedo", "Sua gente sempre chega atrasada nos lugares".

Um modo de amenizar o desconforto sentido era sentar-se ao fundo e tentar ser invisível às expressões de cunho racista, manifestadas através de falas e de gestos. Esse constrangimento causava vergonha e uma visão negativa de si mesma. Do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, ela não teve aulas que tratassem da temática racial.

Atualmente a primeira autora trabalha como trançista; em seu espaço, através de seus penteados, reforça e resgata a autoestima, principalmente da população negra. As tranças são repletas de simbologia; um exemplo é como elas são manifestadas em alguns países do continente africano; possuem suas especificidades seja em seu formato seja nas minuciosidades que as compõem indicando a identidade de cada povo. A juventude negra resgatou as tranças como herança ancestral e ressignificou suas relações com os próprios cabelos em um ato de amor próprio, o que havia sido destruído pelo racismo e pelos alisamentos capilares. Em seu atendimento ao público infantil e adulto, ela resgata a importância da cultura afro-brasileira. São esses pontos elencados que levam a buscar o desenvolvimento de uma identidade cultural positiva.

Ademais, houve a oportunidade de ter participado das disciplinas Fundamentos e Metodologias do Ensino da Matemática I e II e de ter atuado como bolsista no Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), no subprojeto do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de

Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí (UFMS/CPNV), coordenado pela segunda autora e que tinha, como ponto central, a alfabetização matemática de crianças. Esta participou ainda do curso de extensão Literatura Infantil, Diversidade e Educação Matemática, ministrado pela segunda autora. Essas participações oportunizaram ter contato com a teoria e a prática, proporcionando vislumbrar um outro jeito de aprender e ensinar matemática, através de um viés de diálogo e de lúdico.

Abordar questões relacionadas à identidade no Brasil ainda é um caminho complexo uma vez que a ideia de miscigenação está enraizada de modo tão contundente que dificulta o diálogo sobre o racismo. O mito da democracia racial, em que se argumenta que todos são iguais, fecha as vertentes para se tratar a fundo o problema (RIBEIRO, 2019). É preciso nomear a violência, ao invés de banalizar, e analisar criticamente a forma com que o racismo se tem manifestado em diferentes espaços.

Os meios midiáticos fazem parte da vida cotidiana da maioria da população com uma significativa interferência no modo de se pensar, sendo um formador de opinião. As novelas exibidas no Brasil são responsáveis por reforçar estereótipos negativos da população negra com falas racistas; poucas pessoas negras fazem parte do elenco e, quando estão presentes, ocupam cargos subalternos; não obstante, nos noticiários, sua figura é geralmente vinculada ao pobre favelado e violento.

Britto (2013, 2017) destaca que, por longos anos, permaneceu a premissa de banalização e de superficialização da temática étnico-racial, aspecto evidenciado em suas análises de produções cinematográficas, em que o belo está associado à estética branca. Nesse sentido, faz-se necessária a contranarrativa da visão racista sobre o continente africano e sobre a população negra. Mas, afinal, qual a importância de os negros serem representados de forma positiva e humanizada nos espaços? As pessoas negras estão ausentes na maioria dos espaços de poder e de visibilidade e, concomitantemente, a mídia associa esses corpos a figuras criminosas e em situação de vulnerabilidade. Quando há pessoas negras sendo representadas de maneira positiva, em algum local, ampliam-se os horizontes futuros das crianças negras.

É notório que o caminho para romper essas barreiras ainda é grande, e é justamente por esse fato que a escola tem de trabalhar de forma efetiva para possibilitar que os estudantes reconheçam a contribuição africana para a cultura

brasileira. É essencial que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola se pautem na equidade, na justiça social, no respeito e na valorização das diferenças. É através do olhar crítico que a escola possibilita que o estudante possa analisar o que vê em diferentes mídias e em livros.

Assim como a mídia, os livros de literatura infantil podem reforçar os estereótipos negativos em relação à população negra. Por exemplo, o livro "A aritmética da Emília", de Monteiro Lobato (1944), utiliza elementos verbais e não verbais para retratar a personagem Tia Nastácia de forma negativa.

— Sou assim porque a natureza me fez assim — respondeu resignadamente o rinoceronte.

— Pois eu sou asneirenta, porque aquela burra da Tia Nastácia me fez assim. Ela foi a minha natureza. Natureza preta como carvão e beijuda... (LOBATO, 1944, p. 52).

Essa descrição estereotipada é reforçada ainda pela associação da personagem negra como um ser humano que não sabe Matemática:

— Mas se você não sabe aritmética, Nastácia, como sabe que nós sabemos tabuada? — perguntou-lhe a menina. — Sei, porque quando um canta um número os outros não "correge". — Corrige, boba. Correge é errado. E era aquilo mesmo. Um fiscalizava o outro, e o Visconde os fiscalizava a todos. Ficaram tão sabidos que no terceiro dia o sabugo aritmético anunciou que ia recomeçar o espetáculo (LOBATO, 1944, p. 64).

Faz-se necessário que as crianças tenham possibilidades de se encontrarem nas aulas de Matemática com personagens negros em um contexto positivo. Por isso, este trabalho tem, como objetivo, analisar as representações de personagens negros nos livros de literatura infantil e sugerir tarefas que tornem possível trabalhar a Literatura em consonância com a Matemática e a temática étnico-racial. Para tanto, serão analisados três livros de literatura infantil: "A surpresa de Handa", de Eileen Browne (2009); "A cor de Coraline", de Alexandre Rampazo (2017). "Bia na África", de Ricardo Dreguer (2007). Como critério de análise, foram considerados: a) como as personagens negras estão sendo representadas nas obras e como isso contribui para a construção de uma identidade cultural positiva da população negra; b) potencialidades dos livros para explorar conceitos matemáticos ou para o desencadeamento de situações problemas a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Para atingir o objetivo proposto, este artigo está organizado por esta introdução e quatro seções. Na primeira delas, aborda-se como é desenvolvida a literatura afro-brasileira nas escolas desde a implementação de sua obrigatoriedade; na segunda, discutem-se estratégias utilizadas para um ensino antirracista no âmbito escolar. Na terceira, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa. Na quarta, há a análise dos livros de literatura infantil e, na última, as

considerações finais.

Entrelaçando possibilidades para um ensino antirracista na escola

A luta do Movimento Negro resultou na formulação de políticas públicas voltadas para promoção da igualdade racial. Entre tais políticas públicas, sobretudo no campo educacional, há a lei n. 11.645/2008, que trata da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena nos sistemas de ensino de Educação Básica, públicos e privados. Há também a lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) que coloca em perspectiva a importância de introduzir, no contexto escolar, literaturas africanas e afro-brasileiras no intuito de favorecer a reflexão sobre como a população negra pode contribuir no campo cultural e histórico. No processo de afirmação identitária, a revalorização das culturas africanas constitui-se pilar para a identidade negra, pois pode servir para desconstruir representações que alienam a pessoa negra de seu próprio corpo e suas raízes étnico-raciais (BEZERRA, 2015).

A literatura afro-brasileira é classificada como um material de grande valia despertando o interesse de vários pesquisadores, pois a "[...] arte literária é constituída de uma fonte riquíssima de saber e conhecimento que abrange tanto a história e cultura afro-brasileira como também africana" (COSTA; BEZERRA, 2012, p. 1). De acordo com Roedel (2016, p. 4), "[...] o trabalho unindo leitura e matemática permite evidenciar e desenvolver novas habilidades, auxiliando na organização dos pensamentos matemáticos, auxiliando na interpretação de dados, na contextualização e na problematização". Ou seja, é através desse viés de aproximação da teoria com a prática que o estudante irá perceber como a Matemática está presente no seu cotidiano, não sendo apenas algo que ele vivencia na escola. Desta forma, cabe ao corpo docente criar práticas que tragam esses conteúdos à tona.

Sob essa ótica, Smole (2007) afirma que a literatura é uma porta de entrada para inserção da Matemática, de maneira prazerosa, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A autora relata que a união da literatura infantil em conjunto com a juvenil contribui para o aprendizado dos estudantes como, por exemplo, a aproximação de problemas matemáticos que podem ser criados através do texto literário.

Ademais, o ensino da Matemática contemplando a justiça social é capaz de favorecer os seguintes segmentos: estudar a Matemática a fim de entender e de fortalecer conceitos já presentes no seu dia a dia. Simultaneamente, conseguem,

através da Matemática, fazer observações críticas do mundo para, finalmente, propiciar uma vida coletiva em consonância com a democracia em que todas as pessoas terão a possibilidade de agir integralmente (SKOVSMOSE, 1994). Em suma, o emprego da Matemática a fim de ensinar e de aprender questões envolvendo a justiça social tem apoio de argumentos e ações que tendem à promoção de equidade e de justiça social (GUTSTEIN, 2006). Abordar a justiça social nas aulas de Matemática também inclui a construção de uma educação antirracista.

No intuito de promover um encontro de valorização da literatura afro-brasileira nas escolas, Souza (2019) analisou três obras que rompem com a imagem do negro inferiorizado que são: "Memória das Palavras" (BRANDÃO, 2006); "Menina bonita do laço de fita" (MACHADO, 2011) e "O menino Nito" (ROSA, 2008). A obra "Menina bonita do laço de fita", apresenta um título que evidencia um enaltecimento físico da personagem, pautado na positividade, e, à medida que a história se desenrola, a narrativa reforça essas ações bem como exalta ancestralidade, raça, entre outros aspectos. Obras como essa despertam nas crianças orgulho de serem pertencentes ao grupo étnico e noção de representatividade, uma vez que elas são representadas na história protagonizando um contexto de ideal de beleza que foge do padrão eurocêntrico (SOUZA; MÜLLER, 2017).

O resultado do estudo de Souza e Müller (2017) evidencia a importância da leitura envolvendo a temática étnico-racial para além de uma obrigatoriedade no âmbito escolar, ou seja, que ultrapasse esse meio tornando-se algo identificador, de modo positivo, nos leitores. Nesta perspectiva, a escola deve repensar suas ações frente a essa vertente e possibilitar um ambiente reflexivo em que, através das obras literárias, ocorram rodas de conversa promovendo momentos de discussão e de aprendizagem.

No intuito de investigar as contribuições que a literatura infantil e juvenil, vinculada à temática étnico-racial, contempla dentro e fora do ambiente escolar, Araujo (2018) analisou treze teses e dissertações em que pontua os pontos positivos e negativos que trazem às crianças dentro da sala de aula, bem como aos leitores. Assim, a pesquisadora constatou que, ao escolher uma obra pautada na criticidade, a literatura pode contribuir para a construção da identidade negra e para conhecimento sobre as culturas africanas. Ela ainda destaca que essa escolha é de suma importância, já que a criança pode sentir orgulho da sua ancestralidade, dos seus traços ou sentir vergonha. Segundo ela, é importante as escolas possuírem

uma biblioteca com temas mais recentes e profissionais que vão ao encontro desta perspectiva e, assim, ressignificar o modo de apresentação, debates e futuras intervenções envolvendo a temática. Ao final da análise, destaca-se que houve avanços significativos no campo literário recente, porém as representações de personagens negros ainda são poucas.

Carvalho e Silva (2016) investigaram como ocorre a construção identitária de crianças de sete a oito anos visando à constituição étnico-racial. A intervenção contou com 23 crianças; entre elas, 11 meninas e 12 meninos de uma escola da rede pública de Curitiba/PR. Após a contação da história "Entremeio sem babado", de Patrícia Santana (2007) e ilustração de Marcial Ávila, as crianças registraram tanto a personagem principal quanto a família da protagonista e, nesse momento, as autoras observaram que:

[...] ao longo da atividade vários elementos surgiram, entre eles destacamos as formas de identificação segundo raça/cor, aspectos relacionados à branquidade normativa, bem como representações que demonstram a importância de as obras de literatura infantil contarem com personagens que contemplem a diversidade étnico-racial existente em nosso país. (CARVALHO; SILVA, 2016, p. 6).

As autoras relatam a dificuldade das crianças na autodeclaração buscando outros subterfúgios para se amparar em termos como "sou moreninha", "sou café com leite", "meio branca". E isso é um dos reflexos da falta de trabalhar a temática racial na escola durante todo o ano letivo. Essa intervenção possibilitou ver o olhar que as crianças têm de si mesmas e a importância de trabalhar livros que tenham personagens com que elas se identifiquem seja através da cor de sua pele seja por aspectos sociais e o contexto familiar; assim, elas terão critérios para se autodeclararem.

Araujo e Dias (2019) analisaram estudos desenvolvidos em níveis de mestrado e de doutorado, de vários lugares do país, que tiveram suas produções nos anos 1990 a 2010, em que constavam as vozes de crianças pretas no ambiente escolar e como a literatura infantil serviu como aliado na desmitificação de mitos para um autorreconhecimento. Segundo as autoras,

[...] foram ouvidos diferentes segmentos como professoras/es, familiares, estudantes do ensino fundamental e crianças da pré-escola. Com as crianças pequenas, em média com cinco anos, foram realizadas rodas de conversa, contação de histórias e propuseram-se perguntas: primeiramente o que sabiam sobre o Continente Africano e depois o que gostariam de saber. Nas respostas para a primeira questão destacavam-se referências a um local onde existem muitos bichos e outras disseram que não sabiam nada (ARAUJO; DIAS, 2019, p. 5).

Através da análise, as autoras constataram que as crianças pretas e as brancas não tinham conhecimento a respeito do Continente Africano; apenas uma

criança apontou que lá havia miséria e vários mendigos, obtendo-se a concordância dos demais colegas. Esse foi um reflexo de um assunto que não é debatido em sala de aula, além da falta de recursos didáticos e brinquedos que servissem como artefatos na escola. Diante dessa emblemática, foram realizadas atividades como contação de histórias e rodas de conversa, desenhos e pinturas. Ao final, as crianças questionaram onde era possível encontrar livros desta temática, e que elas haviam gostado. Pode-se afirmar, com base no feedback dos estudantes, que a literatura infantil possibilitou que eles conhecessem um outro universo e a temática racial, sendo uma abordagem leve, que promove interesse na leitura e, principalmente, o diálogo entre estudantes e professor.

Assim, foram investigadas práticas de professoras da Educação Infantil que participaram da formação continuada voltada para a temática étnico-racial. Para tanto, realizou uma entrevista semiestruturada com elas e os gestores do curso, fazendo perguntas distintas, porém com os mesmos objetivos: saber qual era o intuito e como eram executadas tais práticas. As professoras entrevistadas relataram que, após o curso, ficou mais claro observar as manifestações do racismo estrutural que, mesmo iniciando muito cedo e ocorrendo de modo silencioso, atingem as crianças na Educação Infantil. Elas destacam que algumas crianças brancas não gostam de se sentar perto de outras devido a sua cor, bem como na hora de escolher pares para festa junina; as crianças negras são deixadas de lado por ter sua cor associada a algo do "mal". Relatam ainda que, como educadoras, procuram um novo meio de intervir com tarefas que rompam com a segregação na sala de aula.

As autoras afirmam que essas manifestações são fruto de um mundo à volta delas que ditam o que é belo, limpo, inocente, bondoso etc... e que cor tem a pessoa que possui tais características que são ditas em representações, em desenho, em novela, em revistas... Não falam abertamente, mas a criança é um ser que consegue fazer assimilação e se identificar através de observações físicas. É nesse momento que essas ações são manifestadas na escola e, muitas vezes, a criança preta se isola, é preterida pelos demais colegas ou reage prontamente com agressões verbais ou físicas, podendo sofrer represálias tanto por parte da instituição quanto por parte dos colegas que adquirem um certo "medo", incluindo mais um estereótipo; esses são relatos de professoras.

Com base nesses relatos, é válido mencionar a importância de novas práticas pedagógicas que contemplem a igualdade racial, bem como a importância de

implementar a formação continuada como uma política pública, sendo necessário alterações no campo educacional de modo que contemplem a instituição abarcando todos os membros das ações educativas. Assim, relativo a esse pensamento, Dias (2012, p. 12-13) expressa:

Mesmo com tais dificuldades, a pesquisa indica que essa formação descontinuada estimulou para que as professoras criassem metodologias e reorganizassem os currículos no intuito de incluir a temática da diversidade nos seus fazeres, influenciando na reformulação dos projetos pedagógicos. Outro aspecto importante resultante desses processos de formação foi que as professoras passaram a solicitar aos seus gestores a compra de materiais, como bonecas negras e livros com personagens negros, positivamente representados. Essas atitudes se constituíram em novas práticas no trato da diversidade étnico-racial, o que sem dúvida é um avanço na construção de uma educação infantil.

Nesta perspectiva, a formação continuada dos docentes deve ser um procedimento contínuo e reflexivo. Assim, a melhoria no estímulo de práticas antirracistas dentro do âmbito escolar não fica a cargo somente dos professores e, sim, de toda a estrutura da instituição. Em suma, é possível afirmar que a educação das relações étnico-raciais não deve ser abordada como um tema transversal cotidianamente, pois é um tema urgente e complexo, para ser debatido apenas em datas comemorativas.

Procedimentos metodológicos

O presente artigo objetiva analisar as representações de personagens negras presentes nos livros de literatura infantil e sugerir tarefas que tornem possível trabalhar a literatura em consonância com a Matemática. Para tanto, apoia-se na pesquisa qualitativa que tem como aspecto fundamental a "[...] descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis" (GIL, 2008, p. 28). Nesse sentido, a pesquisa assume uma metodologia própria que não fica restrita a uma ideia única e universal.

Assim, com base na perspectiva apontada no trecho anterior e no intuito de atingir o objetivo proposto, foram selecionados e analisados três livros: "A surpresa de Handa", de Eileen Browne (2009); "A cor de Coraline", de Alexandre Rampazo (2017). "Bia na África", de Ricardo Dreguer (2007). Tais obras fazem parte do acervo de livros utilizados no curso "Literatura Infantil, Diversidade e Educação Matemática", com duração de um semestre e encontros quinzenais. O curso era destinado a acadêmicos de licenciatura do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí (UFMS/CPNV) e para professores que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental em que se discutiam possibilidades de novas práticas escolares bem

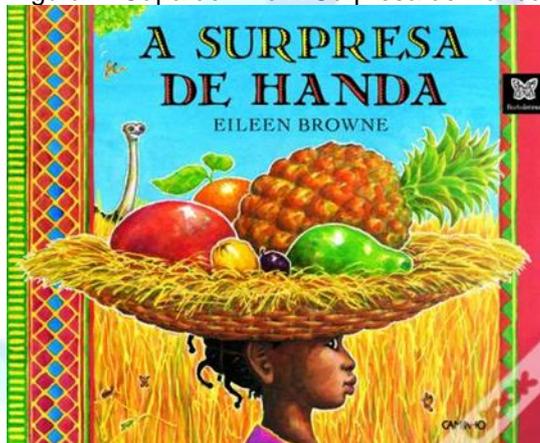
como desencadeamento de tarefas, com um viés interdisciplinar. Para seleção dos livros de literatura infantil, o critério foi o de selecionar aqueles que contivessem personagens representados por meninas negras em um contexto positivo e que possibilitassem o trabalho com crianças nos anos iniciais.

Para tanto, durante as análises, as autoras realizaram diversas leituras dos respectivos livros com foco na linguagem verbal e não verbal presentes no livro. A partir da leitura dos textos, foram levantados alguns temas como: a) papel ocupado pelo personagem negro (central ou secundário); b) características do personagem principal; c) contribuições do livro para o combate ao racismo; d) linguagem verbal e não verbal; e) potencialidades do livro para trabalhar conceitos matemáticos e para a elaboração de situações problemas a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Na próxima seção, serão descritos e analisados os livros.

Livros analisados

O primeiro livro analisado é intitulado: "A surpresa de Handa" (Figura 1), escrito pela autora inglesa Eileen Browne. Este teve sua primeira publicação no ano de 1995, no Reino Unido, pela Walker Books; chegou ao Brasil, em 2009. A obra faz parte do Plano Nacional de Leitura (PNL).

Figura 1: Capa do livro A Surpresa de Handa



Fonte: <http://asurpresadehanda.blogspot.com/> (2017)

A sinopse da obra narra a história de Handa, que monta uma cesta de frutas para levar a sua amiga Akeyo. Com o cesto em sua cabeça, ela percorre o caminho até a casa de sua amiga, porém durante esse trajeto, cada animal da savana africana retira frutas de sua cesta, sem que ela perceba, causando-lhe grande surpresa no final.

A narrativa é composta por elementos verbais e não verbais que se distanciam de uma caracterização estereotipada e caricata do negro. A personagem principal é uma menina negra, de cabelo trançado; seus traços são fenotipicamente

evidenciados e suas vestimentas são simples. Há indícios de que a personagem é generosa, criativa e solidária uma vez que ela tem amigos com quem compartilha momentos de troca, de afetividade e busca surpreendê-los.

Em seu enredo, há potencialidades para identificação das crianças com uma personagem menina negra, que tem uma vida normal, leve, sem retratos de embates. "[...] nesse tipo de enredo, os personagens negros infantis aparecem nas tramas, mas os conflitos não têm relação direta com a temática étnico-raciais, por isso não há episódios ligados a situações de discriminação e preconceito racial" (LANNES, 2019, p. 41). Ademais, as crianças podem experienciar a rica pluralidade da fauna e da flora ilustrada pela presença dos diversos animais e frutas.

Na capa, estão contidos elementos que trazem ao leitor possibilidades de imaginar qual assunto será tratado, pois está repleta de informações, com imagem colorida em tons quentes, que inclui desde o vestuário da personagem até a vegetação local. Handa aparece somente até o ombro, em posição lateral, dando a impressão de estar caminhando; em sua cabeça, tem um cesto de palha com sete frutas grandes que são: banana, goiaba, laranja, manga, ananás, abacate e maracujá roxo. De plano de fundo, aparece uma grama alta e um avestruz avistando com desejo as frutas do cesto, sendo que Handa não percebe a presença do animal já que seu olhar está inclinado em sentido contrário.

Ao iniciar a leitura das páginas, nota-se que, com uso do livro, o professor pode desenvolver tarefas de modo interdisciplinar, pois ele não fica restrito a uma área isolada, incluindo potencialidades para se trabalhar noções e conceitos matemáticos. Assim, pode-se articular as linguagens presentes no livro com outras áreas de conhecimento.

Nesse sentido, há possibilidades de desenvolver tarefas que se iniciam na apresentação do livro aos estudantes; depois, faz-se um momento de leitura e, ao final, a contação da história; pode-se propiciar o aprofundamento da história e trabalhar conceitos matemáticos. A cada página do livro, Handa é surpreendida por um animal diferente, que retira uma fruta de seu cesto, possibilitando trabalhar a sequência numérica, de modo decrescente, focando, assim, na unidade temática "Números", descrita na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017). Além disso, pode proporcionar, no momento do diálogo, uma construção da seriação em que ocorreram os eventos de acordo com a ordem, por exemplo, quando aparecia determinado animal, qual foi o primeiro, o segundo etc.

É possível ainda abordar a unidade temática Probabilidade e Estatística, que envolve "[...] classificar eventos envolvendo o acaso" (BRASIL, 2017, p. 274). Neste sentido, pode-se dialogar sobre a classificação da chance de algo se efetivar ou não com situações do dia a dia por meio da oralidade. No caso do livro, Handa coloca sete frutas na cesta (banana, goiaba, laranja, manga, ananás, abacate e maracujá roxo), porém, ao final, entrega para sua amiga uma tangerina que não estava inicialmente na cesta. Desta forma, tomando como referência as frutas que estavam na cesta no começo, pode-se problematizar: É possível ou impossível que Handa entregue determinada fruta? Qual a fruta que tem mais chance de ser entregue a Akeyo? Qual fruta tem menos chance de ser entregue a Akeyo? Quais têm a mesma chance de serem entregues? Pode-se ainda levar as frutas em uma cesta para a sala de aula para estabelecer esse diálogo.

Deste modo, a argumentação, tanto por parte do professor como dos estudantes, pode ser feita sem cálculo, mas apenas utilizando as frutas ou as imagens referentes a elas para que estes visualizem que, quanto maior a quantidade de determinada fruta, mais chances que ela saia, e assim por diante.

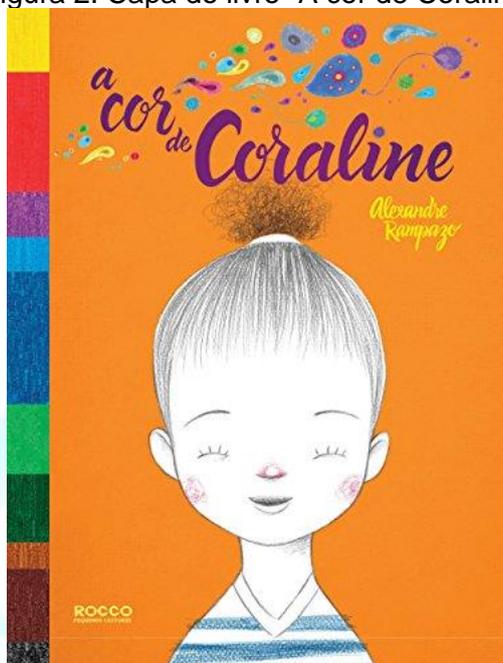
Ainda pode-se abordar a unidade temática Probabilidade e Estatística (BRASIL, 2017) ao investigar a fruta preferida de cada um dos estudantes da turma e organizar os dados em gráficos, pictogramas e tabelas. Além disso, esse momento pode ser propício para discutir similaridades e diferenças entre frutas apresentadas nas histórias e frutas típicas do Brasil.

A personagem não percebe a diferença do peso inicial da cesta e do peso após os animais retirarem as frutas. Pode-se problematizar noções relacionadas com a unidade temática Grandezas e Medidas (BRASIL, 2017), trabalhando noções de leve e de pesado e abordar o peso de cada fruta. Desta forma, pode-se dramatizar a história com as crianças e ver se eles percebem a diferença do peso após a retirada de cada fruta.

Outra sugestão de tarefa seria fazer com as crianças uma salada de frutas na sala com as apresentadas na história. De posse das frutas, o professor pode trabalhar comparação e estimativa de medidas de massa, bem como conceitos de pequeno e de grande, qual é maior, qual é menor, quais têm o mesmo tamanho, quais estratégias eles estão usando para descobrir qual a mais leve e qual é a mais pesada. Após esse momento de discussão, pode ser utilizada uma balança. E, ao final, tratar sobre as curiosidades que o livro possibilitou, o que aprenderam a partir da história, quais as características de Handa, e que registrem em forma de desenho.

O segundo livro analisado é "A Cor de Coraline", do autor Alexandre Rampazo (2017); é uma obra da Literatura infantil brasileira publicada em 2017, pela editora Rocco Pequenos Leitores (Figura 2).

Figura 2: Capa do livro "A cor de Coraline"



Fonte: <https://fafaconta.com.br/cor-de-coraline-livro-infantil/> (2017)

Fazendo uma sinopse da obra, a narrativa conta com um questionamento inicial de Pedrinho, personagem branco que solicita a Coraline, personagem negra, que lhe empreste um lápis "cor de pele". Porém a garota fica indecisa sobre qual cor deve emprestar já que tem em mãos uma caixa contendo doze cores. Além disso, ela não sabia a cor da pele a quem Pedrinho se referia. Nesse momento, criam-se várias hipóteses em sua imaginação. O autor, através dessa obra, busca a desconstrução do pensamento que, ao se referir à "cor da pele", ela tem que ser correspondida com a tonalidade rosa clara.

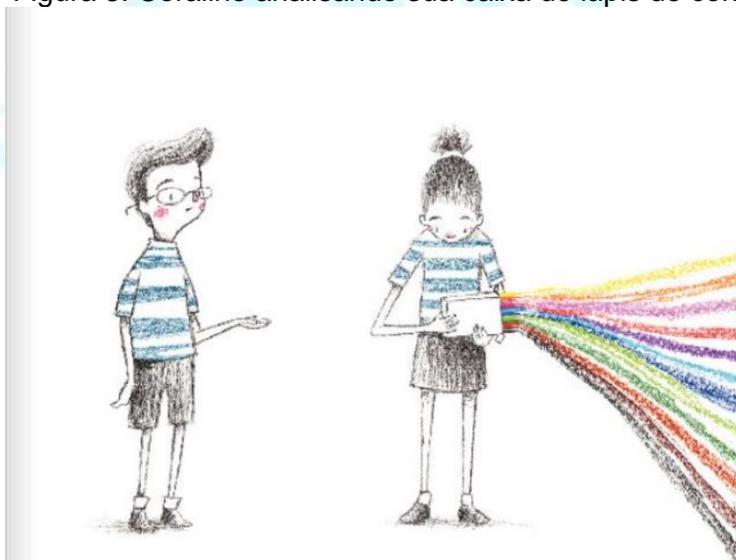
De acordo com Lannes (2019, p. 41), "Nesse tipo de abordagem, a diferença étnica é tratada a partir de situações alusivas de racismo, que devem ser confrontadas, despertando no leitor a empatia pelo outro e provocando na criança negra a autoaceitação por sua imagem negra". Assim, de modo indireto, o livro trata sobre identidade, sendo fundamental destacar a problematização da questão do tom de pele e de sua representação.

Ao se deparar com a capa, o leitor visualiza a imagem de uma menina que, até então, representa "sem cor", com o cabelo preso que, pelas pontas, se nota ser crespo. Ela está de olhos fechados, em posição frontal, aparecendo somente acima

do colo, com uniforme, pois é no ambiente escolar que a trama se desenvolve. No plano de fundo, a cor é laranja, com pinceladas em diversas cores.

Ao iniciar a leitura, nota-se que o autor mantém um mistério em relação à cor real de Coraline e Pedrinho, seu colega de sala, sendo reveladas somente no final; isso acaba prendendo a atenção do leitor até a última página da história, com ilustrações coloridas. Ao ser solicitada por seu colega que lhe empreste um lápis "cor de pele", Coraline tem, em seu semblante, sinais de preocupação por não saber de qual cor se tratava. Assim, Pedrinho mantém a sua mão estendida à espera, enquanto ela analisa sua caixa de lápis de cor e percebe o quão difícil é decidir entre 12 cores; novamente ela indaga como seria mais difícil para quem tem 18, 24 ou 32 lápis; a indecisão seria muito pior (Figura 3).

Figura 3. Coraline analisando sua caixa de lápis de cor.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras, 2021.

Diante desse cenário, ela transita em um mundo de imaginação e alternativas, compartilhando suas ideias com o leitor ao associar as cores da sua caixa com personagens que possuem aquelas cores: os marcianos, a cor verde; peixinhos dourados, representados pela cor amarela; pessoas nascidas em lugares diferentes, com várias cores de pele; pessoas com raiva ou com vergonha, com a cor vermelha; pessoas fofas, com a cor lilás. Já, alguém que nascesse no planeta Netuno, seria azul. A cor de Pedrinho era rosa e a cor de pele de Coraline, marrom.

O enredo aborda com sutileza e criatividade a questão da diversidade, um tema que, por vezes, se mostra complexo para a nossa sociedade. Segundo Gusmão (2000, p. 14), "[...] a diversidade nos espelha como parte das relações de poder e nos envolve em todas as dimensões da vida vivida, no nosso cotidiano e até mesmo ali, onde sequer suspeitamos de sua existência". Assim, de fato, vivemos em

um contexto de pessoas com as suas características físicas e culturais próprias; na escola, não é diferente. Essa proposta deve ser trabalhada pelos professores para que expliquem as diferenças e, principalmente, que todos aprendam a respeitar o outro e sua especificidade.

Nesse sentido, a obra em questão traz possibilidades de desenvolver tarefas. Na trama, Coraline possui uma caixa contendo 12 lápis de cor: Quais as chances de entregar o lápis na cor que Pedrinho deseja? Há possibilidade de trabalhar a unidade temática Probabilidade e Estatística presente na BNCC (BRASIL, 2017). É possível que, através de um questionário a respeito da história, trabalhar conceitos de probabilidade e combinatória presentes no currículo da Educação Básica favoreçam que os estudantes consigam resolver situações combinatórias e probabilísticas que já fazem parte do seu dia a dia. Assim, as questões podem ser feitas em forma de entrevista ou de entrega de um questionário para que eles respondam as questões; pode-se sugerir que eles utilizem lápis de cor ou outros materiais para a resolução (Quadro 1).

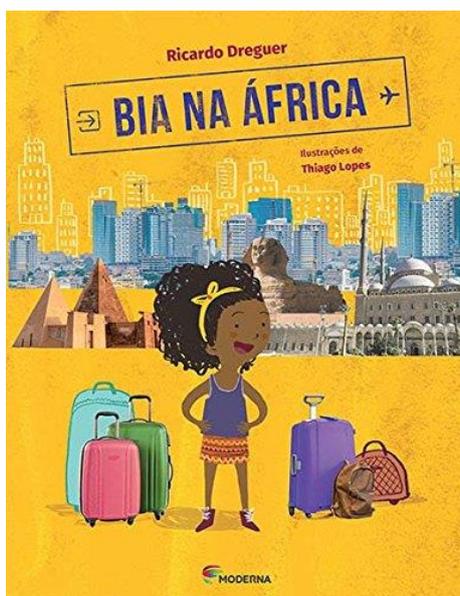
Quadro 1. Questionário.

Probabilidade envolvendo a Possibilidade
Coraline tem uma caixa de lápis de cor com 12 cores sendo nove verde e três marrom. Com os olhos vendados ela pode pegar um lápis marrom? Por quê?
Probabilidade envolvendo Certeza
Coraline tem 12 lápis de cor sendo todos na cor laranja. Será que ela com os olhos vendados consegue pegar um lápis na cor laranja? Por quê?
Probabilidade de Impossibilidade
Coraline tem 12 lápis de cor sendo todos na cor amarela. Será que ela com os olhos vendados consegue pegar um lápis na cor azul? Por quê?
Combinatória a Possibilidade
Coraline tem em seu estojo cinco lápis de cor (verde, lilás, marrom, azul e amarelo) e na sua caixa ela tem sete cores (verde, lilás, marrom, azul, amarelo, rosa, laranja). Teria como ela emprestar dois lápis da mesma cor para Pedrinho? Por quê
Combinatória envolvendo a Impossibilidade
Coraline tem em sua caixa quatro lápis de cor (verde, lilás, marrom, azul) e oito canetinhas (verde, lilás, marrom, azul, amarelo, rosa, laranja e branca). Teria como ela emprestar um lápis azul e uma canetinha preta? Por quê?

Fonte: Arquivo das pesquisadoras, 2021.

O terceiro livro analisado é intitulado "Bia na África", de Ricardo Dreguer (2007), da Editora Moderna (Figura 4).

Figura 4: Capa do livro Bia na África



Fonte: <https://indicalivros.com/livros/bia-na-africa-ricardo-dreguer> (2015-2022).

Em "Bia na África" (DREGUER, 2007), com um pai arquiteto e uma mãe diplomata, Bia tem pais negros, bem-sucedidos financeiramente. A garota acompanha sua mãe quando esta é designada para trabalhar em Angola. Antes de chegarem ao seu destino, as duas passam por alguns lugares e aprendem muito com as informações novas e as curiosidades. Passam pelo Egito, pelo Quênia e ficam um bom tempo em Angola. Ao retornarem ao Brasil, Bia sente-se enriquecida, sobretudo pela descoberta da imensa diversidade do continente africano e pela valorização da cultura de seus antepassados, o que desperta nela o orgulho de ser afrodescendente.

A obra aborda a negritude em um contexto de ascensão profissional, devido à relevância das profissões que os pais de Bia ocupam e, com isso, o melhor poder aquisitivo. A narrativa construída pelo autor rompe com a representação do negro na literatura infantil sendo apresentado somente em cargos subalternos. "[...] normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por consequência, coadjuvante na vida. Se mulher, é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda" (ABRAMOVICH, 1989, p. 36).

Os estudantes negros, ao lerem a história, recebem uma influência positiva de novas perspectivas no futuro. A personagem Bia apresenta características físicas fenotipicamente negras com ausência de aspectos estereotipados. Com base no enredo, percebe-se que ela é curiosa, comunicativa, flexível, inteligente e observadora.

Assim, o livro possui potencialidades para ser trabalhado em sala de aula de modo que contemple desenvolver ações que dialoguem com outras disciplinas, bem como adentrar na temática racial já que a história traz, de modo muito lúdico e

esclarecedor, aspectos negativos que permeiam o imaginário de algumas pessoas como, por exemplo, em relação à miséria, que é algo que não fica somente restrito ao Continente Africano, mas é ele que geralmente é citado quando se toca no tema. Isso é resultado de uma imagem que sempre foi passada e reforçada por diversos meios como, por exemplo, na mídia, livros e revistas.

Eu sempre achei que era impossível relacionar-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem relacionar-me com todas as histórias daquele lugar ou pessoa. A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes (ADICHIE, 2019, p. 32).

Desta forma, a obra de Dreguer (2007) contempla esse segmento de apresentar o outro lado da história. Em dado momento, Bia mostra conhecer os países da África por conta de pré-conceitos que adquiriu, acreditando que lá é um lugar onde perpetua miséria e animais selvagens soltos, colocando todos em perigo; neste momento, sua mãe lhe apresenta um outro lado da história, que "[...] há muita pobreza na África, mas também há muita riqueza e cidades grandes como as nossas" (DREGUER, 2007, p. 11). Sua mãe, Márcia, além de sanar suas preocupações, esclarece, de forma didática, que todos os lugares possuem suas curiosidades, especificidades próprias, e que a África não é diferente disso. Além disso, aponta, no decorrer da história, semelhanças com o Brasil.

A narrativa aborda, com sutileza, o tema da escravidão, esclarecendo que os negros foram trazidos para serem submetidos a um regime de escravidão e que, embora fossem forçados, sempre lutaram por sua liberdade, rompendo com a ideia de passividade. Na perspectiva apontada, foram adquirindo hábitos e firmando-se raízes de uma cultura com outra; por isso, Márcia afirma essa presença na capoeira, na língua, em religiões de matriz africana e na culinária.

Já, de início, o leitor é apresentado com uma capa repleta de simbolismo. A personagem Bia, que protagoniza a história, aparece com diversas malas; tem um olhar curioso e entusiasmado; a sua vestimenta é colorida e, de pano de fundo, há imagens dos lugares que Bia irá visitar como pirâmides, prédios etc..., todos ambientes urbanos. Essas ilustrações despertam um olhar curioso e a vontade de descobrir o que Bia irá encontrar nesses lugares.

Assim, ao iniciar a leitura do livro, é possível ver as curiosidades de cada região, proporcionando aos estudantes ter o contato com outra cultura bem como fazer uma análise do que é parecido com o Brasil. Por isso, uma sugestão de atividade seria reunir os estudantes e, após a leitura, pedir para que eles relatem o que já conheciam e o que foi de mais interessante que gostaram na história. Após

esses relatos, podem ser propostas tarefas envolvendo a quantidade de países que existem no Continente Africano e a distância do país, nos pontos extremos ao norte e ao sul, assim como no Brasil, do Oiapoque ao Chuí, que ultrapassa 8.300 km, identificando-se uma distância extrema. Ainda envolvendo distância, pode ser pesquisada com os estudantes a distância do Brasil com algum país que Bia visitou como, por exemplo, o Quênia.

Também, com os estudantes, em sala de aula, pode ser trabalhada a receita, apresentada na página 18 (Figura 5), abordando a unidade temática grandezas e medidas (BRASIL, 2017). Pode-se aumentar a quantidade inicial da receita e investigar com eles qual seria a porção necessária para cada um de modo que contemple todos; se aumentar o número de pessoas, quais alterações devem ser feitas na receita. Ademais, pode-se pesar os ingredientes de acordo com a quantidade. Pode-se questioná-los se, sendo o dobro de estudantes, qual seria o método de fazer a receita de modo que atenda todos, como seria feito para dobrar a receita, utilizando apenas uma forma (multiplicação). Após levá-la ao fogo, devem verificar se o tempo é o mesmo da receita original, já que a receita seria alterada.

Figura 5: Receita do Koshari

Fomos a um mercado lotado de gente, onde se vende de tudo: tecidos, roupas prontas, alimentos e joias.

No almoço comemos um prato delicioso chamado koshari! Até peguei a receita pra passar pra minha vó, que adora cozinhar...

Li, consegui trocar uma camisa do Brasil por uma da seleção do Egito pro Daniel...

Koshari

INGREDIENTES

- 1 xícara de lentilha cozida
- 2 cebolas picadas
- 4 xícaras de água
- 4 dentes de alho picados
- 1 xícara de arroz cozido
- 1 xícara de macarrão cozido
- 2 colheres de sopa de óleo vegetal
- 1 caixa de molho de tomate
- Sal, pimenta-do-reino e pimenta calabresa a gosto

- MODO DE PREPARO -

Frite a cebola e o alho no óleo, junte o molho de tomate, o sal, as pimentas e a água. Deixe o molho ferver por 10 minutos. Guarde em uma vasilha.

Em um recipiente que possa ir ao forno, coloque o arroz cozido e cubra com a lentilha. Depois coloque o macarrão e cubra tudo com o molho de tomate. Deixe esquentar no forno médio por uns 20 minutos.

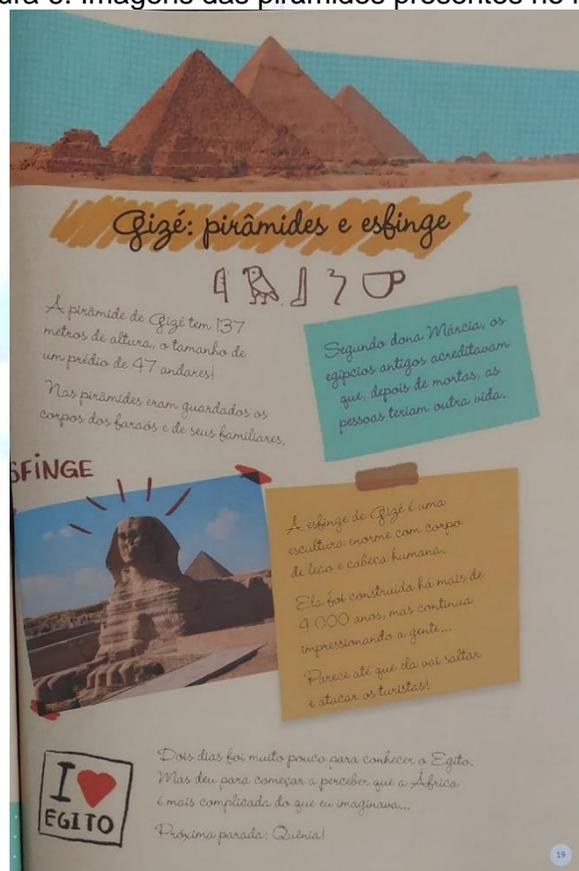
Tire do forno e coloque cebolas fritas para decorar antes de servir.

ATENÇÃO!
Esta receita só pode ser feita com a ajuda de um adulto, pois envolve perigo no uso do fogão!

Fonte: Arquivo das pesquisadoras. (2021)

Na página 19 (Figura 6), são apresentadas algumas informações sobre as pirâmides, assim como a sua estrutura. Sobre isso, o professor pode desenvolver tarefas envolvendo a unidade temática geometria (BRASIL, 2017). Pode-se pesquisar com eles a respeito da altura das pirâmides, o seu formato, em quanto tempo foram construídas as pirâmides, se, em todos os países que Bia visitou, havia pirâmides.

Figura 6. Imagens das pirâmides presentes no livro



Fonte: Arquivo das pesquisadoras. (2021)

Bia, ao se referir a África, fala sobre animais selvagens; sendo assim, pode ser trabalhado com os estudantes quais animais são predominantes do Continente Africano; depois, desenvolver com eles tarefas lúdicas envolvendo a unidade temática grandezas e medidas (BRASIL, 2017), qual animal é mais rápido, qual mais lento, qual o mais pesado e o mais leve.

Considerações finais

Ao longo da pesquisa, foram analisadas as representações de personagens negras presentes nos livros de literatura infantil e sugeridas tarefas que tornem possível trabalhar a literatura em consonância com a Matemática. Para tanto, foram selecionados três livros que contemplassem a perspectiva apontada; assim, os três

livros selecionados tinham meninas sendo representadas de maneira positiva, e todas com sua história particular, não se pautando a uma história única. Além disso, possibilitou articulações com outras áreas de ensino.

Todos os livros analisados contribuem para a desmistificação de uma ideia deturpada do Continente Africano. Para uma identidade cultural, os estudantes experienciam um contato com uma nova cultura e hábitos. Os resultados deste estudo evidenciam a importância de trabalharem livros como esses que contribuem para uma educação antirracista, uma vez que neles estão contidas narrativas, diálogos que informam e que trazem uma nova abordagem principalmente visual, com referências positivas de negritude e de desconstrução de estereótipo. A afirmação de autoestima e a de identidades negras são importantíssimas, vistas pela perspectiva do empoderamento.

Assim, foram apresentadas tarefas que podem ser desenvolvidas nas aulas de Matemática dos anos iniciais a partir dos livros apresentados, contemplando algumas das unidades temáticas da Base Nacional Comum Curricular como números, grandezas e medidas e geometria. Neste sentido, é relevante a oferta de tarefas que oportunizam um melhor desenvolvimento de práticas docentes que conectem a literatura infantil e a temática étnico-racial nas aulas de matemática.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras 2019.

ARAUJO, Débora. Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil 2010**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2010.

ARAUJO, Débora Cristina de; DIAS, Lucimar Rosa. **Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura: esperar é o verbo. Educação & Realidade**, Porto Alegre, RS, 2019, v. 44, n. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623688368>>. Epub 19 Jun 2019. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-623688368>. Acesso em: 20 out. 2021.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Literatura afro e/ou negro-brasileira na sala de aula: propostas de leituras do texto literário**. In: MELO, C. A.; SANTOS, L. **Letramento literário e formação do leitor: desafios e perspectivas do PROFLETRAS**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2015.

BRANDÃO, Ana Paula (Coord.). **Memória das Palavras**. Apresentação de Rogério Andrade Barbosa. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan.2003.

BRITTO, Reginaldo Ramos de. Educação Matemática & democracia: mídia e racismo. **Actas** del VII CIBEM, ISSN 2301-0797 Montevideo, Uruguai; 16 a 20 de setembro de 2013. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/19223/1/Ramos2013Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

BRITTO, Reginaldo Ramos de. **O branqueamento no cinema brasileiro em produções fílmicas da primeira metade do século XX**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/REGINALDO-RAMOS-DE-BRITTO.pdf>. Acesso em: 19 fev.2020.

BROWNE, Eileen. **A Surpresa de Handa**. Alfragide: Caminho, 2009.

CARVALHO, Thaís Regina de; SILVA, Mariana Cesar Verçosa. **Literatura infantil, diversidade étnico-racial e representações das crianças**. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo16_THA%C3%8DS-REGINA-DE-CARVALHO-MARIANA-CESAR-VER%C3%87OSA-SILVA.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

COSTA, Dione Ribeiro; BEZERRA, Rosilda Alves. A literatura afro-brasileira em sala de aula. In: MARTINS, Marco Antonio; CAMPOS, Sulemi Fabiano; JÚNIOR, Lucrécio Araújo de Sá; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (Org.). Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE. **Anais** da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. Natal: EDUFRN, 2012. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/1267-A%20Literatura%20Afrobrasileira%20em%20Sala%20de%20Aula.pdf>>. Acesso em: 12. nov. 2020.

DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, p. 661-674, 2012.

DREGUER, Ricardo. **Bia na África** São Paulo: Moderna, 2007. Série Viagens de Bia.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas SA, 2008.

GUTSTEIN, Eric. **Reading and writing the world with mathematics: toward a pedagogy for social justice**. New York: Routledge, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

LANNES, Marina Badaró. **O ‘empoderamento crespo’ na literatura infantil**. 2019. 115p. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua 2019. Disponível em: <http://infes.uff.br/wp-content/uploads/sites/147/2019/09/DISSERTACAO-Marina-Badaro-Lannes.pdf> Acesso em: 12. nov. 2020.

LOBATO, Monteiro. **Aritmética da Emília**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

MACHADO, Ana Maria; ONO, Walter. **Menina bonita do laço de fita**. 1986.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROEDEL, Tatiana. A Importância da Leitura e da Literatura no Ensino da Matemática. XX. In: Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (XX EBRAPEM), 2016. **Anais**. Disponível em: http://www.ebrapem2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/04/gd1_tatiana_roedel.pdf Acesso em: 12 nov. 2020.

ROSA, Sonia. **O menino Nito**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTANA, Patrícia. **Entremeio sem babado**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

SKOVSMOSE, Ole. **Para uma filosofia de educação matemática crítica**. Boston: Editores Acadêmicos Kluwer, 1994.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco; ROCHA, Glauce Helena Rodrigues; CÂNDIDO, Patrícia Terezinha; STANCANELLI, Renata. **Era uma vez a matemática: uma conexão com a literatura infantil**. São Paulo: IME- USP, 2007.

SOUSA, Abraão Vitoriano de. Literatura infantil e questões étnico-raciais: por uma literatura afro-brasileira em sala de aula. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, [S.l.], v. 2, ago. 2019. ISSN 2526-3560. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/287>>. Acesso em: 09 ago. 2022.

SOUZA, Maria Celiane Pinto dos Passos; MÜLLER, Hofélia Madalena Pozzobon. **Literatura infantil: a construção da identidade da criança e o respeito à diversidade étnico cultural**. 2017. Disponível em: elibrary.tips_literatura-infantil-a-construao-da-identidade-da-criana-e-o-respeito-a-diversidade-etnico-cultural.pdf Acesso em: 09 ago. 2022.

Submetido em outubro de 2022.

Aceito em dezembro de 2022.

